

ESCOLA DE MULHERES
(JEAN BAPTISTE MOLIÈRE)

Cena 1

CRISALDO- Vindes, ao que dizeis, tomá-la por esposa?

ARNOLFO - Sim; quero terminar logo a cousa.

CRISALDO- Podemos, já que aqui vejo estarmos a sós,
Conversar, sem que alguém nos escute, entre nós.
Dizer-vos, como amigo, o que penso, acho justo:
Vosso intuito, por vós, me faz temer de susto;
E por mais que o encareis pelo aspecto contrário,
Tomardes, vós, mulher, é um rasgo temerário.

ARNOLFO - Tendes razão. Decerto encontra o vosso peito
Motivos de temor no que aos outros diz respeito.
E a vossa fronte quer que em toda parte os cornos
Sejam do matrimônio infalíveis adornos.

CRISALDO- Ninguém, de acasos tais, pode julgar-se a salvo,
E pretender opor-se à sorte é ser papalvo.
Mas, no que a vós concerne, esses escárnios temo,
Da mofa e do sarcasmo o vosso gesto extremo,
De cujos lances não se viu aqui marido
De qualquer condição ou classe, garantido.
Sabe-se como achais no escândalo prazer,
Na intriga conjugal; que a público trazer
De um marido a desgraça, é vos sempre uma festa...

ARNOLFO - Mas pode haver no mundo outra cidade que esta
Na qual, em que à moral pese, ao juízo e a sapiência,
Maridos haverá de tanta complacência?
E não podemos ver aqui cada sujeito
Que acomodam no lar de todo santo jeito?
Junta, um, bens, que a mulher, generosa, reparte
Com quem tem, de plantar-lhe os cornos, a hábil arte;
Sem ser menos infame, outro, já com mais sorte,
Com ricos mimos vê brindarem-lhe a consorte,
Sem que essas atenções seu ciúme leve a peito,
Que à sua castidade, afirma ela, são preto.
Mais um, a quem de raiva e fel a bÍlis ferve,
Faz um bruto escarcéu que de nada lhe serve;
Outro deixa correr a coisa de mansinho,

E quando em casa vê chegar o galãzinho
Se encarrega, cortês, de seu chapéu e luvas,
Falando do bom tempo e das últimas chuvas.
Uma, matreira, o pé por outra forma calça
E ao homem, do galã, faz confiança falsa,
Que morde a isca, e a roncar em paz que nem bocó,
De esforços que o rival não perde, sente dó.
Outra, ainda, em se expurgar de um luxo que se estranha,
Diz que o dinheiro, gasto assim, no jogo ganha;
E o bom do homem, sem ver de que jogo isto pende,
Por tais lucros, aos céus ações de graças rende.
A cada passo, enfim, da sátira é outra peça;
E, sendo espectador, de rir-me, há quem me impeça?
E vou eu, de imbecis...

CRISALDO- Pois sim, mas deve quem

De outrem rir, reçar rirem dele também.
Ouço falar o mundo, o qual sempre se apraz
Em nos vir entreter com que o próximo faz;
Mas, por mais que se glose onde quer que eu esteja,
Não há que a triunfar com tais boatos me veja;
Nisto eu sou é modesto em quaisquer circunstâncias;
E ainda que eu seja adverso a certas tolerâncias,
E que em matéria tal pretenda muito menos
Sujeitar-me ao que alguns maridos vêem, serenos,
Eu nunca me atrevi a vangloriar-me disso,
Que a sátira é, afinal, terreno movediço,
Podendo acontecer, num seu revés traiçoeiro,
O feitiço virar-se contra o feiticeiro.
Não deve, pois, jamais, jurar a gente o que há
De em tal caso fazer ou o que não fará.
Assim, se à minha frente, um dia, porventura,
Acontecer alguma humana desventura,
À qual, quando o decreta a sorte, não se escapa,
Contentar-se-ão, creio eu, de rirem-se à socapa,
E após meu proceder, talvez que ao ver-me em cena,
Uma ou outra boa alma ainda dirá que é pena.
Mas não imagineis que isto convosco quadre;
Convosco o caso é outro, ai, sim, caro compadre;
É de se ver que é aí que a porca torce o rabo,
E, devo repeti-lo, arriscais que é o diabo.
Se, onda há marido a andar com sua honra algo à míngua,
Vive o diabo a fazer a quatro vossa língua,
Se em vós vêem um demônio a fazer deles troça,
É andar direito, ou vai haver chalaça grossa;
E se algo vier à luz com que as línguas se munam,
Ui! é de se prever que os tímpanos vos zunam.
E que...

ARNOLFO - Meu Deus, amigo, isso não vos alarme;
Esperto quem puder nesse assunto escaldar-me.
Sei das manhas sutis e habilidosas tramas
Das quais, em nos trair, sabem servir-se as damas.
Que, para nos burlar, seu engenho é tremendo.
Contra acidentes tais andei me precavendo;
É simplória a que esposo e tem toda a inocência
Que à minha frente poupe u'a maligna excrecência.

CRISALDO- Numa simplória haveis de achar satisfatório...

ARNOLFO - Desposar u'a simplória é por não ser simplório,
Vossa metade tenho eu, como bom cristão,
Por recatada assaz; mas é que na questão
Uma criatura esperta é sempre augúrio péssimo;
E sei o que pagou, já, em frontal acréscimo
Muita gente de bem que, para o seu lamento,
Se atrelou com mulher dotada de talento.
Não vou eu impingir-me alguma espirituosa
Que pintará o diabo e o sete em verso e em prosa,
Que tão só falará cenáculos, salões,
E a quem visitarão galãs e sabichões,
Enquanto num canto, eu, marido de Madame,
Serei santo qualquer, sem que ninguém me reclame.
Não! fêmea que compõe sabe mais do que deve,
E não vou ter mulher que o espírito a algo eleve;
Quero que da ignorância ela seja a obra-prima,
E que não saiba até nem mesmo o que é uma rima;
E se por sua vez, no jogo de cestinha,
Vierem lhe perguntar: “Em *inha* que continha?”
Eu quero que responda: “Um prato de mingau.”
Pretendo, enfim, que seja ignara em alto grau:
E basta que ela saiba, além de olhar-me a roupa,
Rezar, gostar de mim, e preparar-me a sopa.

CRISALDO- Ter mulher ignorante então é vossa mania?

ARNOLFO - Sim, e uma boba feia ainda preferiria
A uma beldade-mor de inteligência vasta.

CRISALDO- O espírito e a beleza

ARNOLFO - A honestidade basta.

CRISALDO- Mas numa bobalhona, o que a gente contesta,
É que chegue a entender, mesmo, o que é ser honesta;
Além de idéia tal não ir muito comigo,
Ter-se até o fim da vida uma boba consigo,
Julgais que em favor vosso esse arranjo redunde
E que de vossa frente a honra nele se funde?

Se a espirituosa falha ao seu dever de esposa,
Ao menos se deduz que ela querê-lo ousa:
E a boba pode ao seu falhar por desmazelo,
Se a menor vontade e sem pensar fazê-lo.

ARNOLFO - A tão bela e sagaz oração respondo eu
O que Pantagruel ao outro respondeu:
Até as Páscoas pregai, como um velho caturra,
Para com mulher me case outra que burra,
No fim vos deixará de todo embasbacado,
Ver que não me tereis persuadido um bocado.

CRISALDO- Bem; calo-me...

ARNOLFO - A cada um o seu método, é o que digo.
Em mulher, como em tudo, a minha moda sigo.
Bastante rico sou, para após longo estudo,
Tomar uma mulher que a mim só deva tudo,
E de quem submissa e plena dependência
Não se possa apoiar nos bens ou na ascendência.
Numa roda infantil, seu ar mansinho e quieto
Desde os quatro anos, já, me influiu por ele afeto:
E ao ver de sua mãe a penúria premente,
Pedir que m'a cedesse, é o que me veio à mente;
Em meu desejo anuindo, a boa da campônia,
Não fez por se livrar do encargo, cerimônia.
E num convento humilde e oculto em vales ermos,
Fi-la educar, então, de acordo com os meus termos;
Isto é, ditando lá tudo o que se fizesse
Para torná-la idiota o mais que se pudesse.
Pois minha expectativa ainda foi excedida,
E a tal ponto inocente a vi, quando crescida,
Que me alegrei de fato e agradecia Deus
Ter-me feito u'a mulher fundida em moldes meus.
Tirei-a, pois, lá; mas minha moradia
A um e a outro estando aberta a toda hora do dia,
Nesta outra casa a pus, para me precaver,
Que ignoram, e na qual nunca alguém me vem ver;
E para preservar-lhe a ignorância singela,
Ali só gente pus tão simples quanto ela.
Haveis de me dizer: por que esta narração?
É para que saibais de minha precaução.
E o resultado é mais que, como fiel amigo,
Vos convido hoje mesmo a lá cear comigo.
Quero que a examineis com liberdade plena,
A ver se minha escolha acaso se condena.

CRISALDO- Consinto.

ARNOLFO - Podereis ver, em tal conferência,
O que é sua pessoa e avaliar-lhe a inocência.

CRISALDO- Bem, depois do que ouvi, sei que sobre este ponto...

ARNOLFO - A verdade de muito ultrapassa o que conto.
De tão simplória espanta, e às vezes diz de impulso
Cada coisa com a qual de riso me convulso.
Faz poucos dias ainda, até não se acredita,
Ela veio ter comigo, encabulada e aflita,
Com inocência à qual nenhuma se assemelha,
Saber se a gente faz os filhos pela orelha.

CRISALDO- Bom; muito bem, senhor Arnolfo, alegro-me...

ARNOLFO - Irra!
Sempre a dar-me este nome! É querer ser de embirra!

CRISALDO- Ah! Mas por mais que faça, é o que me vem à boca,
Sem jamais me lembrar do senhor de Cascaoca;
Também que é que em vós deu, a vós, um quarentão,
Desbatizades-vos, e da apelidação
De um sítio que possuís, desbaratado algo,
Fazerdes-vos no mundo um nome de fidalgo?

ARNOLFO - Além de ser a casa assim apelidada,
Mais do que Arnolfo o som de Cascaoca me agrada.

CRISALDO- Deveras, é um abuso absurdo de nossa era,
Isto de se atribuir títulos de quimera
E renegar dos pais o nome honesto e chão.
Muita gente hoje tem daquilo a comichão.
E, sem vos abranger nesta categoria,
Eu dum caboclo sei, de um tal Nhô-João-Maria,
O qual, sem outros bens que um mísero casebre
Perdido num quintal, também fez gato em lebre,
E, cavando ao redor um fosso lamaroso,
Tomou de senhor da ilha o título pomposo.

ARNOLFO - Podíeis vos calar, que exemplos tais excuso;
Mas enfim, de Cascaoca hoje é meu nome, é o que uso.
Tenho razões para isso; a questão é comigo,
E me chamar pelo outro, é não ser meu amigo.

CRISALDO- Mas dá-vos muita gente ainda o nome de origem;
E em cartas pude vê-lo, até, que vos dirigem...

ARNOLFO - De quem não se acha a par, que remédio, ainda o aceito;
Mas vós que...

CRISALDO- Bem, sem mais barulho a este respeito,
Farei por, de ora em diante, habituar minha boca
A tão só vos chamar de Senhor de Cascaoca.

ARNOLFO - Adeus. Só para dar o bom dia aqui bato,
E dar a conhecer de meu regresso o fato.

CRISALDO(à parte retirando-se) -
Apre! É o homem, já se vê, teimoso que nem mula.

ARNOLFO (só) - Pudera! Assuntos há em que ele não regula.
Estranho é de se ver com que birra e paixão
Gente tal calça só pela própria opinião!
(bate à porta de sua casa)
Alô!

Terceiro Ato **Cena 1**

ARNOLFO - Sim, correu tudo bem, o que muito me alegra:
E ao galãzinho deste uma lição em regra.
As minhas instruções seguiste à risca, aliás,
E eis aí de que serve um diretor sagaz.
Tua inocência, Agnes, fora surpreendida:
Vê, onde, sem pensar, estavas já metida.
Se eu não te instruísse em tempo, enfiavas direitinho
Do inferno e perdição o espaçoso caminho.
Desses belos galãs são os costumes e usos:
Têm plumas no chapéu e caracóis profusos,
Lábia insinuante e olhar feroso, mas, de trás,
As garras vêem brilhar de Mestre Satanás.
Demônios são, com goela arfante, que de um baque
Põem a honra feminina a fortaleza a saque.
Mas, graças rendo ao céu, valeu-te o meu barulho,
E com virtude intacta escapaste do embrulho.
O ar com que antes te vi lançar-lhe a tal pedrada,
Que lhe reduz de toda vez a esperança a nada,
Incita-me ainda mais a efetuar sem demora
As núpcias a que tens de preparar-te agora.
Mas antes de mais nada, é mister me escutares
Uma curta oração de efeitos salutares.

(a Georgete e Alano)
Ponde um assento aqui. E vós, se um dia alguém...

GEORGETE - Não, não; vossas lições a gente lembra bem.
Quis nos tapear o tal; mas se o enxergo, ainda vingo...

ALANO - Se a cara aqui meter, que eu nunca beba um pingo.
Não é homem, aliás, que grande coisa valha,
Da última vez nos deu de ouro uma moeda falha.

ARNOLFO - Para a ceia aprontai tudo o que eu disse, pois;
E no que se refere ao contrato, um dos dois,
Como antes já expliquei, ao regressar que faça
Vir cá o tabelião, que mora ali na praça.

Cena 2

ARNOLFO (sentado) -

Para escutar-me, Agnes, larga desta costura:
Vira o rosto, ergue a fronte e endireita a postura:

(pondo o dedo na testa)

Que o teu olhar aqui, bem firme se crave
Pra que a menor palavra em tua alma se grave.
Eu te desposo, Agnes, e cem vezes por dia
É mister que abençoes o céu, e que à porfia
Mires tua anterior baixeza e indignidade,
E timbres em me alçar a magnanimidade,
Que, da vil condição de aldeã e camponesa,
Te faz subir ao plano horroroso de burguesa
E desfrutar o leito e abraços conjugais
De um homem que fugia a compromissos tais,
E que, a partidos bons, de fortuna e de classe,
Negou a honra que a ti, quer dar, de seu enlace.
Deves ter sempre à vista o íntimo grão de pó
Que eras fadada a ser, sem tão glorioso nó;
Que, do que és, a toda hora esse objeto te instrua,
E, sabendo avaliar tão feliz sorte tua,
Faças como proceder que equivalha à alta prenda
Que desta minha ação, jamais eu me arrependa.
O casamento, Agnes, não é uma pilhéria;
Do estatuto de esposa a obrigação é séria:
E esta honra a que te elevo em nada se destina
A que andes na folia e sejas libertina.
Só para a dependência existe o vosso sexo:
Da barba onipotente é pálido reflexo.
E se em dois divide a humana sociedade,
São partes que não têm, entre si, igualdade:
Enquanto uma é suprema, a outra é subalterna;
Uma em tudo é submissa à outra que governa;
E aquilo que o soldado, em que ao dever faz jus,
Demonstra em obediência ao chefe que o conduz,
Uma criança ao pai, o servo ao seu senhor,
O menor fradezinho ao padre superior,
Ainda não chega aos pés da húmil servilidade
Do respeito obediente e da servilidade
Em que será mister que a mulher se atarefe

Junto a seu amo e esposo, o seu senhor e chefe.
Se o seu rosto, ao fitá-la, um ar sério registra,
Dela o dever tão logo é abaixar a vista,
E nunca o olhar de frente, a não ser que se digne,
De um indulgente olhar fazer-lhe a graça insigne.
Que o mulhierio de hoje o entenda, não há meio;
Mas não vás modelar-te sobre o exemplo alheio;
Guarda-te de imitar casquilhas rebuscadas
De quem glosa a cidade em peso as escapadas,
E foge a Satanás, mormente, a que honra assalta,
Quando faz com que se ouça a algum jovem peralta.
Quando, com a condição de cônjuge, te abono,
Pensa bem que é minha honra, Agnes, que te abandono;
Que esta honra é melindrosa e que num ai se trinca,
Que aquilo é questão com a qual não se brinca,
E que no fundo inferno, em caldeirões ferventes,
Põem a fritar pra sempre as donas malviveres.
O que te conto aqui não é cantiga, não;
E deves digerir a fundo esta lição.
Se a tua alma a acatar sem falha e sem delírio,
Há de ser sempre pura e branca como um lírio;
Mas, se se der que da honra as rijas leis espiche,
Mais magra ficará do que carvão e pixe;
Tornar-te-ás para o mundo espantinho medonho,
E um dia, verdadeiro objeto do demônio,
No inferno irás ferver por toda a eternidade,
Do que possa guardar-te a celeste bondade!
Bem; faze a reverência. Assim como a noviça
Aprende no convento o catecismo e a missa,
Quem casa, do himeneu faça um estudo estrito;
E eis em minha algibeira um importante escrito
Que das funções de esposa há de deixar-te ciente.
Ignoro o seu autor: mas é uma alma decente.
Aliás, já não terás outro entretenimento.

(levanta-se)

Toma aí; vamos ver se alto o lês a contento.

AGNES (lê) - AS MÁXIMAS DO CASAMENTO
Ou Os deveres e Obrigações da Mulher Casada
Com o seu Exercício Cotidiano

Primeira máxima
Aquele que de outrem o leito
Integra por honesto nó,
Em que pese o banzé que hoje em dia é aceito,
Deve sempre ter a peito
Que o homem a toma para si só.

ARNOLFO - Explicar-te-ei mais tarde o que isto quer dizer;
Por enquanto, porém, só se trata de ler.

AGNES (prosegue)

Segunda Máxima

Só se deve enfeitar
Na medida em que o acatar
O marido que a possui;
Basta que o seu ar lhe convenha,
E na questão em nada influi
Que por feia outra gente a tenha.

Terceira Máxima

Nada de rendas engomadas,
Nem de loções, batons, pomadas,
Que o resto põem liso e florido:
Para a honra são drogas mortais:
E tratos de beleza tais
Nunca são para o marido.

Quarta Máxima

Sob a touca, ao sair de casa,
Que abafe todo o olhar feroso;
Para que praza a seu esposo,
Mister é que a ninguém mais praza.

Quinta Máxima

A não ser que o marido a chame,
Toda visita é erro flagrante:
Se alguém, com índole galante,
Como hoje em dia manda a moda,
Visa acomodar à Madame,
Ao patrão não acomoda.

Sexta máxima

Berloques e balangandãs,
Provenientes dos galãs,
E toda espécie de presentes,
Rejeitará determinada;
Pois que, nos dias presentes,
Não se dá por nada.

Sétima Máxima

De seus móveis, que despache,
Sem que proteste, por inteiro,
Papel, penas e tinteiro:
Onde reina a boa praxe,
No lar só o marido deve
Escrever o que lá escreve.

Oitava Máxima

As mulheres de cenáculos,
Assembléias, espetáculos,
Saem com conceitos corrompidos
E é mister serem proibidos,
Com o mais que a eles se refira:

Pois é lá que conspira,
Contra os pobres dos maridos.

Nona Máxima

Deve uma mulher, que não queira
Ficar com a honra desbaratada,
Fugir do jogo, mal funesto!
Que o jogo, diversão traiçoeira,
Faz com que a mulher parada
Tope com todo o seu resto.

Décima Máxima

As excursões silvestres
E refeições campestres
Evite com mortal praga.
Dizem cérebros prudentes
Que essa espécie de presentes
O marido sempre paga.

Décima Primeira Máxima...

ARNOLFO - Terminarás sozinha, e essas coisas, em breve,
Explicar-te-ei uma a uma, assim como se deve.
Neste instante ocorreu-me assunto à mente;
Entra, e guarda esse livro, encarecidamente.
Vou tratar da questão e volto sem que tarde;
Se o notório chegar, que uns momentos me aguarde.

www.desvendandoteatro.com